

FRONTEIRA E IDENTIDADE: TERRENO MOVEDIÇO NA POÉTICA DE MANOEL DE BARROS

Waleska Rodrigues Martins
Mestranda - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (UFMS)

Rauer Ribeiro Rodrigues
Doutor - Estudos Literários (UFMS)

RESUMO:

Sabe-se que o lugar possui dimensões e limites fluidos; pode ser coletivo em sua expansão, ou seja, todos podem “ocupar” um mesmo lugar, mas sempre individual em sua existência. Cada indivíduo concebe sua ideia de lugar, de espaço. Esta conexão com o que é ao mesmo tempo interior e exterior é despertada de seu estado de dormência pela lembrança do cheiro, pelo suave toque de um perfume, ou pelo “amargo doce das coisas” que se experimenta pela janela da alma. Consideramos que o lugar, aquele que é repleto de sentimentos, de (inter)relacionamentos, de símbolos significativos pré-existentes ou criados, edifica ou fortalece a identidade do sujeito. Este lugar ocupa os sentidos primordiais do ser humano e se refugia na lembrança. Sua experiência, real ou fortemente imaginada, é o plano de fuga, de segurança, de perturbação, de peripécias ou apenas de contemplação do artista contemporâneo, em um mundo – dito Pós-Moderno – em que a utopia não faz mais sentido. E é nesses termos que a poética de Manoel de Barros evidencia o lugar como construtor de sua identidade pessoal e ficcional.

PALAVRAS-CHAVE: Lugar. Pós-Modernidade. Utopia.

ABSTRACT: It is known that the place has dimensions and limits fluid, can be collective in its expansion, that is, everyone can "occupy" the same place, but always individual in its existence. Each individual sees his idea of place, space. This connection with what is both inside and Pool is awakened from its dormant state by the memory of smell, the gentle touch of a perfume, or the "bitter sweet things" that is experienced through the window of the soul. We believe that the place, that which is full of feelings, of (inter) relationships, symbols significant pre-existing or created, builds or strengthens identity of the subject. This place occupies the primary sense of being human and takes refuge in memory. His experience, real or strongly imagined, is the plan of escape, safety, disturbance of adventures or just contemplating the contemporary artist in a world - said Post-Modern - in that utopia does not make sense. And it is these terms that the poetics of Manoel de Barros shows the place as a builder of your personal identity and fictional.

KEYWORDS: Place. Post-Modernity. Utopia.

A identidade, que tanto estabilizou o sujeito, apresenta-se, de algum tempo a nossos dias, destituída de uma das suas funções mais elementares: individualizar. Para o crítico Stuart Hall (2006), a identidade se distingue em três concepções diferentes entre si: a) sujeito do Iluminismo, b) sujeito sociólogo e c) sujeito Pós-Moderno. Este último caracteriza-se pela fragmentação, projetando nas identidades culturais, bem como na individual, o estado provisório e variável.

O conceito enfrenta, portanto, na atualidade, uma crise no seu delineamento. Para Ortiz (1991), durante muito tempo a identidade brasileira ficou em torno do “nacional-popular”. O crítico ressalta que a realidade atual exige ou impõe a emergência de uma identidade “internacional-popular”. No entanto, não é possível pensar, ou mesmo ser, universal sem perpassar pelo caminho do local, regional e nacional. Isso porque se percebe os seres humanos envolvidos por elementos simbólicos com os quais constroem a identidade.

Diante da globalização, esses símbolos se confundem, criando a angústia de se querer um Eu maior. Aparentemente, estamos inseridos em um projeto cuja direção aponta para transformações contínuas no âmbito social, político, cultural e econômico. Os símbolos que marcariam um sentimento de afetividade com o lugar — e que, conseqüentemente, refletiriam a particularidade do sujeito — são quase que anulados em decorrência da expansão capitalista desenfreada. A identidade, para Castells (1999), cria-se a partir de um processo de constante construção de símbolos significantes, com base em algum atributo cultural ou conjunto de atributos culturais, que se inter-relacionam, sempre prevalecendo “sobre outras fontes de significado”, ressaltando um critério de “desequilíbrio” positivo. Entende-se, assim, que um determinado indivíduo pode apresentar identidades múltiplas, como reforça Linda Hutcheon (1991).

Entretanto, é importante salientar que a pluralidade sempre é fonte de tensão e de contradições, e que o conflito latente é que sustenta o sistema global, derrubando, enfraquecendo ou questionando fronteiras e limites.

Segundo Linda Hutcheon

O importante debate contemporâneo sobre as margens e as fronteiras das convenções sociais e artísticas [...] é também um resultado de uma transgressão tipicamente pós-moderna em relação aos limites aceitos de antemão: os limites de determinadas artes, dos gêneros ou da arte em si. (1991, p. 26)

As fronteiras são necessárias, não se tem dúvida. Elas são determinadas visualmente, pela imaginação, fluidas e igualmente múltiplas. Deve-se entender este conceito como a possibilidade de recriações de espaços. As fronteiras não são meros limites espaciais, mas zonas de confrontos, interações e imiscuidades culturais e sociais. Sendo assim, a coexistência de períodos, poetas, estéticas e tempos contribuiu para uma “contaminação” beneficentemente desigual que resultou em uma desconstrução da hierarquia e da questão do global/local. Somos, diante do Pós-Modernismo,

imprimidos a perceber uma arte cujas perspectivas são múltiplas, mas que necessitam de uma visão auto-consciente dos sentidos de “amplo” e “específico”.

Esta questão da identidade, diante do discurso Pós-Moderno, é permeada pelo diálogo entre atitude e localização de quem pronuncia o discurso. A memória, a posicionalidade e a determinação do lugar estariam diretamente ligadas à construção da identidade individual, pois é a partir do lugar de onde se lê e de onde se profere o discurso que constituímos uma identidade.

O Pantanal, em tempos de cheia, não possui delimitações aparentes, como coloca o poeta Manoel de Barros, mas possui limites determinados pela geografia que lhe atribui particularidade. Segundo Drumond (2008), em estudo elaborado sobre Guimarães Rosa, a palavra *fronteira* não é entendida aqui na acepção corrente de linha ou faixa limítrofe. Configura-se, antes, como um espaço imaginário ou concreto, que é possuído de sensores que captam elementos estranhos à percepção usual e, ao mesmo tempo, transforma e devolve em forma de auto-reflexão, inquietação ou estranhamento. Esse lugar, para o poeta, torna-se parte integrante de um complexo orgânico que flui de suas próprias veias para as seivas, para o inanimado, dando-lhes “vida” conjunta, como demonstram os seguintes trechos do poema *Manoel por Manoel e Formação* (BARROS, 2008):

Quando era criança eu deveria pular muro do vizinho para catar goiaba. Mas não havia vizinho.

[...]

Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação.

Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores.

(BARROS, 2008, *Manoel por Manoel*)¹;

Fomos formados no mato – as palavras e eu. O que de terra a palavra se acrescentasse, a gente se acrescentava de terra. O que de água a gente se encharcasse, a palavra se encharcava de água. Porque nós íamos crescendo de em par. Se a gente recebesse oralidades de pássaros, as palavras recebiam oralidades de pássaros. Conforme a gente recebesse formatos de natureza, as palavras incorporavam as formas da natureza.

(BARROS, 2008, *Formação*).

Os próprios títulos denunciam a formação da identidade do poeta Manoel de Barros. Contudo, é na fragmentação ou no reagrupamento das partes que a escrita retoma o escritor e sua porção que o individualiza. A “formação” de Barros se dá pelo retorno de si pela criança e pela fusão dos elementos da natureza nas palavras. Ambos, ou tudo germina, cresce, transforma-se com a figura e a pessoa do poeta. Tomos que contribuem e que fazem da narrativa e do pessoal um encontro cuja dimensão está aquém do tempo. Para Moriconi (2005, p. 14-15), “o traço marcante na

¹ As referências são indicadas pelo nome do poema, pois a obra é composta por folhas soltas dentro de uma caixa.

ficção mais recente é a presença autobiográfica real do autor empírico em textos que por outro lado são ficcionais”, sendo recriado o posicionamento do autor diante do público, uma verdadeira exposição do “ser de papel” (ao modo de Barthes) em traços distintivos diante do olhar do leitor. Nesta perspectiva, encontramos a realidade mergulhada em uma atmosfera ou cenário ficcional: “Fomos formados no mato – a palavra e eu” (BARROS, 2008, *Formação*) e “Era o menino e o sol” (BARROS, 2008, *Manoel por Manoel*).

Quantos são os sujeitos que atravessaram, por exemplo, na infância ou na adolescência, pela solidão e carregam (ou carregaram) em si um ermo, um vazio daquilo que não foi feito, daquela palavra que nunca foi jogada no ar, do olhar silenciado pela batida mais forte do coração, pela lembrança do que não se viveu, pensando que o intocável não era tão intocável assim? Muitos não precisam vivenciar ou experimentar diretamente este vazio para saber do que se trata. Na verdade, vive-se, em certos momentos, da vivência do Outro, da imaginação do Outro, da criação ou recriação da mente que “vê, revê e transvê” (BARROS, 2000, p. 75) o Outro e a si mesmo. Segundo Klinger (2007), tem-se hoje a proliferação de narrativas que são marcadas pela vivência do autor, numa tentativa de inscrever a identidade do sujeito na escrita que perpassa pelo Outro.

“Manoel por Manoel”, ou outros jogos de nomes, aleatórios: *Sabastião por Sabastião, Joaquim por Joaquim, Letícia por Letícia*. Tantos quantos poderiam, guardadas as dimensões, fechar os olhos e se reportar para a sua própria infância nestas imagens, ou desejá-las como ideal de infância que não foi vivida. Não estariam, mesmo assim, experimentando sensações? Compartilhando imagens, umas mais próximas do que outras? Fazendo da vivência de Manoel a experimentação da sua possibilidade? Cremos que mesmo as experiências ou vivências observadas, forjadas na imaginação, propiciam sensações únicas, nos aproximam de realidades possíveis que se presentificam através do discurso. A solidão pela qual passa o menino Manoel o faz perceber a comunhão entre os seres, entre as possibilidades. O sujeito é dissolvido na paisagem, nem agente nem observador. Nesse sentido, lembrando Lopes (2007, p. 87), o mundo e a paisagem “implodem o sujeito” em uma tentativa de trazer o de fora para dentro, sem traumas, sem dor, sem maiores sofrimentos, apenas o “vazio do real”, um espaço aberto de conciliação.

Para Linda Hutcheon (1991, p. 22), “a diferença — ou melhor, no plural, as diferenças — pós-modernas são sempre múltiplas e provisórias”. A linguagem plural transcorre, na poética de Manoel de Barros, através da escolha de termos que evidenciam a pluralidade que integra a identidade do sujeito e do poeta: “comunhão”, “era o menino e os bichos” — e assim, sucessivamente, “a gente”, “fomos”. Sendo o sujeito diluído no discurso, o paradoxo entre o ermo do menino Manoel e a abertura que delata o ficcional encontra-se no cenário da ficção e comunica-se com a identidade diferenciada do escritor que é, ao mesmo tempo, personagem, autor, pessoa, escrita e leitor.

Segundo o filósofo italiano Vattimo (2001), Heidegger considerava realmente importante a troca, sempre mútua, entre o ser e a linguagem, e esta seria a moradia do ser. A tese de Heidegger, importantíssima para toda a filosofia do século XX, era de que este “ser não é, mas *acontece*, dá-se, é *evento*. (...) O ser é o que consolida nesses relacionamentos entre sociedade, linguagens e cultura (...)” (*apud* VATTIMO, 2001, p. 64). E é isso que podemos perceber no trecho abaixo, do poema “Soberania”:

Naquele dia, no meio do jantar, eu contei que tentara pegar na bunda do vento – mas o rabo do vento escorregava muito e eu não conseguia pegar. Eu teria sete anos. A mãe fez um sorriso carinhoso para mim e não disse nada. Meus irmãos deram gaitadas me gozando. O pai ficou preocupado e disse que eu tivera um vareio da imaginação. Mas que esses vareios acabariam com os estudos. E me mandou estudar em livros. Eu vim.

(BARROS, 2008, *Soberania*).

Temos, diante dos olhos argutos do leitor, a inauguração do poeta Manoel de Barros. O “acontecimento do ser”, que marcará sua identidade, fará de sua experiência imagística apreensão de uma realidade: a complacência da mãe, a zombaria dos irmãos e a desconfiança preocupada do pai. O jovem poeta desperta para o mundo ficcional no momento em que percebe a imagem ilógica de “pegar na bunda do vento”. A necessidade de concretude deste ato se dá no instante da tentativa, e se dá de maneira quase que real para o menino. O evento que inaugura o sujeito-poeta comunica-se com seu entorno na tentativa, através dos estudos, da linguagem, de estabelecer uma porção racional no infante. Contudo, a conclusão do jovem poeta, que passa pelos eruditos e pelos clássicos, é de que “o homem não tem soberania nem pra ser um bentevi” (BARROS, *Soberania*, 2008). Esta, a composição da identidade do sujeito-poeta Manoel de Barros: a soberania do homem simples, a comunhão entre os elementos da natureza e o ser humano, do lugar com o sentimento de pertença. Para Friedrich

A fórmula usada, ainda em 1801, por Mme. De Stael, segundo a qual a literatura seria a expressão da sociedade, perde seu sentido. (...) O esquema de Rousseau, da singularidade baseada na anormalidade, torna-se o esquema pragmático destas gerações e das seguintes. (1978, p. 31)

A existência humana é um fato espacial e, nesse sentido, o lugar é parte integrante da identidade de qualquer pessoa, portanto indissociável da cultura e da história. O lugar, além de espaço percebido, é também espaço sentido e este sentimento é fundamental para estabelecer uma verdadeira relação de respeito e compromisso (no sentido ecológico) com o meio social e natural. É perceptível a nulidade da hierarquia entre seres, entre linguagens e entre discursos na poética de Manoel de Barros. Dá-se, no entendimento Pós-Moderno, muita relevância ao sentido de lugar, sendo este um conceito intrinsecamente ligado ao sujeito e sua individualidade, muito embora todos os conceitos estejam diluindo-se, fenecendo.

Do ponto de vista humanístico, o lugar é o espaço de vivência e convivência, no qual as pessoas constroem suas vidas e com o qual elas se identificam e ao qual associam a sua história. Nele, a proximidade relacional (portanto, não necessariamente física) é fator de apropriação, além de reforçar a cultura e a identidade (SANTOS, 1996). Pertencimento a um lugar é um sentimento tão importante à pessoa quanto pertencer a uma família ou grupo social. Trata-se, pois, de um sentimento em duplo sentido, já que a pessoa tanto se sente pertencente a um determinado lugar quanto o toma como seu.

Ao longo da vida, as pessoas tomam para si elementos do espaço e tais elementos adquirem significado em suas vidas. A escola, uma esquina, um riacho, uma casa, uma árvore, entre tantas outras, podem ser referências importantes, especiais, para toda a existência de uma pessoa. O poeta Manoel de Barros traz para si, para sua existência pessoal, a condição de quem experimentou o Pantanal nos seus elementos mais primordiais: “Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas” (BARROS, 2008, *Manoel por Manoel*). Segundo Tuan (1976), o que torna o espaço um lugar é, essencialmente, a emoção e o simbolismo que o referenciam na existência humana.

Identidade que se reflete na escrita. Sujeito fechado em si, Manoel de Barros faz uma descrição ensaística de sua infância *Manoel por Manoel*: ele, senhor de 93 anos, encara sua puerícia com a sabedoria dos anos. Propositamente, ainda para demonstrar o indivíduo recluso na lembrança, em si e na infância, o poeta cria uma atmosfera sonora, cujo ritmo será cadenciado por consoantes oclusivas, “surdas”, como o [m], [n], [p], [d] e [t], seguidas de uma forte recorrência de vogais fechadas [o] e [u] e medianas, [e] e [i]. Contudo, as consoantes [v] e [r] que também aparecem com frequência no poema, possuem características que desdobram o caráter fechado. O [r], especificamente no centro-oeste, é denominado de retro-reflexivo, ou seja, possui uma sonoridade que se reflete ou desdobra no interior da garganta, de maneira introspectiva e contínua. A cadência fechada e o ressaltado da vogal [o] sugerem a forma cíclica que o próprio título salienta: “Manoel por Manoel”. Essa sonoridade fechada, com tom nostálgico, bem ao contrário da musicalidade do brejo, apresenta melodia que exala da memória e que perpassa por toda a narrativa. O destaque, no caso, é feito pela negativa. No exemplo, por serem em menor número, destacamos as vogais que não se enquadram na perspectiva acima:

Eu tenho um ermo enorme dentro do olho. Por motivo do ermo não fui um menino peralta.
Agora tenho saudade do que não fui.

(BARROS, 2008, *Manoel por Manoel*).

Quando lemos o poema em voz alta, percebemos que a articulação da boca pouco se abre, pouco se mexe, sugerindo economia dos movimentos faciais. Contudo, a solidão do menino/poeta torna-se peculiaridade do sujeito pessoal, diluindo-se, ambos, na matéria imaginativa. Manoel de

Barros, sempre em “caramujo-flor”, admite que seu anonimato, durante muito tempo, deveu-se ao seu silêncio, ao seu recato, ao eco solitário de sua poesia e ao jeito bugre de ser.

Cada passagem feita pelo sujeito, de uma fase a outra do eu, culminará, segundo Colombo (1991), na morte e, sucessivamente, como em um círculo cujo fim é o recomeço, na ressurreição. No entanto, dessa ressurreição aparecerá um eu diferente, repleto de combinações de suas outras fases, renovado pela experiência alheia e própria.

O sujeito ficcional mistura-se ao sujeito pessoal, e ao ambiente que o cerca. A vivência e a comunhão entre os seres parecem completas, simbióticas, um amálgama, cuja naturalidade é assumida no menino que brinca “entre formigas”.

Manoel de Barros afirma sua alteridade e a individualização de sua poética na narrativa *Manoel por Manoel*: é o sujeito que fala do *seu* lugar, com sua voz. As evocações e as lembranças tornadas memórias que o indivíduo registra nas suas memórias inventadas, tudo é perpassado por sua visão de mundo, partindo de si para o Outro. Pensamos ser este o principal o passo à frente, o ir além que o poeta faz e que elucida em sua poética. A afirmação identitária, como elemento peculiar e próprio, é uma das mais proeminentes questões da Pós-Modernidade.

A obra de Manoel de Barros tornou-se mote para o processo de resgate da identidade cultural da sua cidade nos dias de hoje. Nenhum poeta mato-grossense conseguiu tamanha projeção e sua poesia é distribuída nas escolas como produção valorativa que resgata a “cor local” ou que fala de uma realidade próxima de maneira lúdica, infantil, brincando com as palavras.

O lugar de onde o poeta Manoel de Barros profere o discurso é essencial para demarcar e demonstrar sua alteridade. O lugar em sua poética não se apresenta somente como evocação de lembranças longínquas, ou pano de fundo de peripécias infanto-juvenis, nem tampouco diz tudo de sua escrita. Ele é elemento diferenciador e potencializador. Entretanto, como assinala Grácia-Rodrigues (2006), o universo de Manoel de Barros é criado, recriado e transferido do plano real para o imaginário, ou seja, é a descoberta constante de novos mundos que perpassam pela existência metafórica da realidade. No trecho abaixo, a imaginação recria seres e transfere características para cada um dos elementos que participam da brincadeira. A realidade metaforizada apresenta a inocência da criança, recursos lúdicos e as múltiplas possibilidades que se tem mesmo diante da solidão:

Brincava de fingir que pedra era lagarto. Que lata era navio. Que sabugo era um serzinho mal resolvido e igual filhote de gafanhoto.
Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação.
Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores.

(BARROS, 2008, *Manoel por Manoel*).

Neste sentido, ainda que o Pantanal, uma planície de inundação de mais de 250 mil km², geograficamente possa ser tratado como região, do ponto de vista humanístico pode ser entendido e considerado um lugar. Certamente, tal proposição não se apóia em critérios de tamanho ou escala, mas na identidade. Ou seja, o Pantanal não é apenas uma área com extensão, mas uma realidade sócio-cultural identificada por elementos simbólicos. Assim, ainda que impossibilitado de vivenciar toda extensão do Pantanal, o poeta Manoel de Barros (pantaneiro de coração e vivência) se identifica com elementos representativos da realidade pantaneira: as espécies endêmicas da fauna e flora, as inundações periódicas, os corixos e as lagoas. O que ele confirma, na assertiva: “Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela”.

A revisão de conceitos provocada pelos teóricos da estética do Pós-Modernismo provoca certo estranhamento e um sentimento de perda da identidade, porque não nos foi oferecida uma compreensão lógica dos elos que desencadeiam as transformações que estão em pleno curso. Para Linda Hutcheon (1991, p. 65), “o Pós-Modernismo questiona sistemas centralizados, totalizados, hierarquizados e fechados: questiona, mas não destrói”. O certo é que todo esse questionamento acerca da identidade resulta em fragmentação do sujeito.

O Pantanal possui dimensões e limites fluidos em que cada indivíduo concebe sua ideia de lugar, de espaço. Tal conexão entre o que é ao mesmo tempo interior e exterior desperta de seu estado de dormência pela lembrança do cheiro, pelo suave toque de um perfume, pelo “amargo doce das coisas”: é evocação e é lembrança forjadoras da memória. Segundo Tuan (1976), o lugar ocupa os sentidos primordiais do ser humano e se refugia no conjunto de evocações e lembranças que ele tem, e o sujeito, repleto de sentimentos, de (inter)relacionamentos, de símbolos significativos pré-existentes ou criados, edifica ou fortalece sua identidade. A experiência, real ou imaginada, é o plano de fuga, de segurança, de perturbação, de peripécias ou apenas de contemplação.

O lugar, portanto, constrói sentidos e forja o humano, e define a identidade do artista, em um mundo — dito Pós-Moderno — em que a Utopia não faz mais sentido. E é nesses termos que a poética de Manoel de Barros evidencia o lugar como o constructo de sua identidade pessoal e ficcional. Trata-se de identidade compósita que se dilui nas fronteiras do ser. É o homem pós-moderno, ser em fragmentação, que projeta nas identidades culturais, bem como na sua individualidade, o estado provisório, variável, fronteiro, que medeia o nada da condição humana e a nadificação da vida contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: terceira infância**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.

CASTELLS, Manuel. Paraísos comunais: identidade e significado na sociedade em rede. In: _____. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 21-92

COLOMBO, Fausto. **Os arquivos imperfeitos**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

DRUMOND, J. N. **Fronteiras movediças: o hibridismo em Grande Sertão Veredas**. Disponível em: http://hispanista.com.br/revista/Josina_fronteiras.pdf. Acesso em: 1 jul. 2008.

FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna**. Trad. Marise M. Curione e Dora Ferreira da Silva. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

GRACIA-RODRIGUES, Kelcilene. **De corixos e de veredas: a alegada similitude entre as poéticas de Manoel de Barros e de Guimarães Rosa**. 2006. 313 f. Tese (Doutorado Literatura Brasileira). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. 11 ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2006.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-Modernismo**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KLINGER, Diana. **Escritas de si, escritas do outro**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

LOPES, Denílson. **A delicadeza: estética, experiência e paisagens**. Brasília: Universidade de Brasília – Finatec, 2007.

MORICONI, Ítalo. **Circuitos contemporâneos do literário** (Indicações de pesquisa). Comunicação apresentada na Universidade de San Andrés, Buenos Aires, 09 de ago. 2005. Disponível em: [http://www.avatar.ime.uerj.br/cevcl/artigos/Circuitos%20contemporaneos%20do%20literario%20\(Italo%20Moriconi\).doc](http://www.avatar.ime.uerj.br/cevcl/artigos/Circuitos%20contemporaneos%20do%20literario%20(Italo%20Moriconi).doc). Acesso em 16 maio 2009.

ORTIZ, Renato. **Cultura e modernidade**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1991.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço - técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. **Anais da Associação de Geógrafos Americanos**, v. 66, n. 2, junho/1976.

VATTIMO, Gianni. **O fim da modernidade**. Trad. Maria de Fátima Boavida. Lisboa: Editorial Presença, 2001.